

FUNDAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS EM CEZIMBRA JACQUES

LUIZ HENRIQUE TORRES*

RESUMO

Contextualização dos fundamentos da historiografia republicana no Rio Grande do Sul enfatizando a produção historiográfica de João Cezimbra Jacques e sua defesa da noção de federação e de regionalismo.

PALAVRAS-CHAVE: João Cezimbra Jacques; regionalismo; Rio Grande do Sul.

A partir de 1882, uma série de estudos sobre o significado da participação missioneira e indígena na formação histórica rio-grandense passa a desenvolver interpretações que privilegiam as peculiaridades regionais e questiona a monarquia e a centralização política no Brasil. A historiografia republicana enfatiza personagens ligados à história regional, buscando definir uma identidade distinta do colonialismo português para o habitante do Rio Grande do Sul. A pesquisa histórica recebe o apoio governamental para o seu desenvolvimento, com a criação do Arquivo Público, e posteriormente, intelectuais congregam-se para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920), uma instituição que foi atuante nos debates voltados a uma leitura do regional baseado na brasilidade.

A propaganda republicana refletiu-se na historiografia regional nas obras de diversos autores, como em Alcides Lima, Assis Brasil, Alfredo Varela e Cezimbra Jacques. O movimento republicano assumiu caráter organizado a partir do final da década de 1870, com a fundação dos clubes e núcleos republicanos. As críticas ao centralismo do Império e ao regime

* Professor do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG. Doutor em História do Brasil – PUC-RS.

monárquico foram complementadas com a defesa do federalismo.¹

Joaquim Francisco de Assis Brasil e Alcides Lima elaboraram seus trabalhos *História da república rio-grandense* e *História popular do Rio Grande do Sul*, respectivamente, em resposta à solicitação do Clube Vinte de Setembro de Porto Alegre, no transcurso do 47º aniversário da Revolução Farrroupilha.

Alcides Lima e Assis Brasil fizeram comentários gerais e sem fundamentação em documentos ao tratar das Missões, assumindo uma postura avessa à contribuição missioneira e ressaltando um antijesuitismo nos conceitos de Império Teocrático Comunista ou Império Guaranítico. As Missões teriam uma autonomia irrestrita que nunca tiveram e não representariam uma fronteira castelhana.

A década de 1890 foi um período de confronto armado entre republicanos e federalistas. Após a derrota destes, ocorreu a reiteração da defesa do federalismo republicano e legitimação dos fundamentos jurídico-políticos do Estado rio-grandense. Alfredo Varela foi um dos autores do período que acentuou o enfoque do federalismo e das especificidades do Rio Grande do Sul, motivados pelo abandono da coroa portuguesa que exigiu a definição de uma personalidade nativista, de defesa da liberdade, de luta contra os inimigos. O rio-grandense educou-se na escola da guerra e as “lides campesinas foram a escola do valor e da agilidade, num regime adequado à saúde física”². Enquanto Assis Brasil enfatizava o meio cósmico como fundador do caráter, Alfredo Varela indicou a supremacia dos grandes homens e gênios na marcha dos acontecimentos, a influência de individualidades na vida dos povos. “O rio-grandense, desde Rafael Pinto Bandeira, construiu uma tradição de glória e de

¹ “Foi do Clube Republicano de Porto Alegre que partiu a iniciativa da convenção que, em 1882, fundou o Partido Republicano Rio-Grandense (...) A propaganda e as articulações com os conservadores desgostosos com os rumos tomados pela monarquia ensejaram a eleição do primeiro (e único) deputado republicano à Assembléia Provincial – Joaquim Francisco de Assis Brasil, para as legislaturas de 1885-86 e 1887-88”. PICCOLO, Helga. *Vida política no século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991, p. 72.

² VARELA, Alfredo. *Rio Grande do Sul: descrição física, histórica e econômica*. Porto Alegre; Pelotas: Echenique & Irmão, 1897. v. 1, p. 26.

sentimento nativista que lhe imprimiu um caráter independente”³. Na constituição da população estiveram as qualidades dos portugueses, “os eminentes dotes da raça preta e da raça indígena”⁴, e especialmente os açorianos (homens de “têmpera antiga para honra nossa”), resultando na altivez, independência, superior disciplina, austeridade de costumes e indomável bravura⁵.

A conquista das Missões provou que o Rio Grande do Sul constituiu-se pelo esforço dos próprios filhos, sem poder contar com a administração portuguesa e sua monarquia decadente⁶. Em relação à presença dos jesuítas, eles fundaram “uma civilização artificial, mas que era, já a esse tempo, uma condição de felicidade e bem-estar para alguns milhares de índios, reduzidos a uma espécie de fetichismo católico”. Os guaranis, guiados pelos hábeis discípulos de Santo Inácio, “aí passavam na doce paz do trabalho e na singeleza primitiva, em povoação de relativo cômodo e abundância. Mais do que a ninguém, a eles pertencia essa gleba de que agora dispunham a seu talante os potentados: ela os vira nascer e a posse dos índios era selada de há muito com o trabalho comum de todos eles”⁷. Alfredo Varela repunha o aspecto telúrico levantado por Alcides Lima, relacionando o Tratado de Madri com “negras e desumanas cláusulas”:

A tirânica ordem de despejar os lares sublevara-os: ei-los dispostos a pelejar até a morte pelo torrão amado, contra as hordas civilizadas que tinham nos lábios o nome de pátria, mas que não sabiam respeitar este puro sentimento de apego ao lugar em fomos amados, em outras criaturas, entendendo que não podia

³ Idem, p. 47-48.

⁴ Posteriormente, Varela persiste na exaltação do elemento açoriano como a base formadora da população, contribuindo para reduzir o psiquismo e a presença indígena nos cruzamentos. VARELA, Alfredo. *Revoluções cisplatinas*. Porto Alegre: Chardron, 1915. v. 1, p. 42-43.

⁵ VARELA, *Rio Grande do Sul...*, 1897, p. 25.

⁶ A narrativa de Varela enaltece alguns personagens e critica outros, como os monarquistas. A invasão portuguesa a mando de D. João VI representou uma “política tortuosa da monarquia decadente”, usurpadora e despótica. Artigas é elogiado pelo seu heroísmo ao resistir à prepotência e à tirania do vizinho lusitano. Id., *ibid.*, p. 64-68.

⁷ Id., *ibid.*, p. 33-34.

*existir no coração dos íncolas americanos e era privilégio de europeus somente! No entretanto, mais do que estes sentia-o ele, o indígena, na frescura virgem de sua alma, onde o fetichismo inicial revestia o solo natalício dos atributos humanos.*⁸

A resistência indígena às tropas demarcadoras demonstrava patriotismo, permitindo o despontar de ações nativistas como em Sepé Tiaraju, “cujo nome heróico imortalizou-se num curso d’água vizinho do pasto do seu sacrifício em defesa da liberdade natal, e que lembrará, por todo o sempre, o execrável atentado de que foram vítimas os aborígenes desta parte da América”⁹. As conseqüências do Tratado de Madri foram negativas por promover a perda de vidas, a derrocada de uma civilização incipiente, o desbarato de capitais, o extermínio bárbaro de centenas de criaturas cujo único crime foi defenderem dignamente a sua terra natal¹⁰. Varela não indicou a presença missioneira como fator étnico ou cultural para a formação do Rio Grande do Sul, dando crédito à resistência indígena e sendo anticlerical¹¹. Induziu os acontecimentos à realização preestabelecida na relação entre os determinantes raciais e geográficos, que explicariam a eclosão de movimentos como o farroupilha: “Tudo concorre, tudo consente, tudo conspira no Rio Grande do Sul, para a gênese, preparo e florescimento do tipo humano que nele representou um papel histórico”¹². Conforme Moacyr Flores, Varela utilizava o esquema de apresentar o meio geográfico, a raça e o momento histórico seguindo o pensamento de Comte e de Spencer, ao não aceitar o determinismo do indivíduo, nem que uma instância superior movimentasse a história. Entretanto, “sua abordagem é da intriga política, com biografias e exaltações de heróis de sua

⁸ Id., *ibid.*, p. 34-35.

⁹ Id., *ibid.*, p. 35.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 38.

¹¹ “No Rio Grande do Sul a decadência desta crença (religião católica) tem seguido uma rápida marcha”. O autor afirma que “não há sociedade sem governo, – não há sociedade sem religião”. Num “movimento evolutivo da humanidade, só um novo culto, baseado no conhecimento do mundo e do homem, e cujo fim seja melhorar este, poderá dar solução à crise que enferma a nossa civilização”. Id., *ibid.*, p. 375-379.

¹² VARELA, *Revoluções...*, op. cit., p. 102.

predileção"¹³. A concepção determinista estava presente em Alcides Lima e Assis Brasil. Já Varela¹⁴ mantinha a aproximação com o Prata e confirmava as diversidades rio-grandenses com o restante do Brasil.

João Cezimbra Jacques não esteve diretamente ligado ao enfoque federalista que exaltava as diferenciações humanas e físicas no Rio Grande do Sul, como em Alcides Lima, Assis Brasil e Alfredo Varela, mas pesquisou e divulgou os hábitos e costumes do universo estancieiro enquanto exemplo de moralidade e civismo, resultando na criação do Grêmio Gaúcho¹⁵, o primeiro centro de tradições gaúchas.

Pensamos que esta patriótica agremiação (...) é uma associação destinada a manter o cunho do nosso glorioso Estado e consequentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares, dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só da nossa nacionalidade, como do estrangeiro (...). Longe de retrógrado, como pensam alguns, progredimos porque organizar uma sociedade para despertar o nosso grandioso passado

¹³ FLORES, *Historiografia...*, op. cit., p. 29.

¹⁴ "A leitura da obra de Alfredo Varela permite constatar que a presença humana tem uma finalidade para a história, significando com isso que está subordinado a ela. A concepção de Varela é que a história se trata de um campo fechado onde todos os elementos têm um lugar definido, sem interação e mobilidade. Os choques que possam ocorrer têm origem em um ponto externo: os jesuítas, os índios, os castelhanos, o governo imperial. São excluídos porque não cabem na sua construção lógica de um povo talhado para uma tarefa histórica, mas que mesmo assim estão em uma posição passiva perante o determinismo histórico". PINTO, Luiz Paulo Melendez. Determinismo histórico e imobilismo político em Alfredo Varela In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (org.). *Ensaios de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 1996, p. 106.

¹⁵ João Cezimbra Jacques foi o fundador do Grêmio Gaúcho (1898) e recebeu o título de patrono do Tradicionalismo Gaúcho. Foi militar, fundador e militante do Partido Republicano Rio-Grandense. Segundo Daysi Lange Albeche, "O Grêmio Gaúcho de Tradição contribuiu com a propaganda republicana castilhistas, através da prática do culto cívico 'à memória dos grandes homens públicos que prestaram serviços notáveis à Pátria', para deles retirar os exemplos de ordem moral e material a serem zelados pela sociedade. Na agremiação, em suas comemorações regulares, idealizou-se a tradição modelar de 'homens alegres e generosos' e ao mesmo tempo 'altivos e enérgicos' sempre coincidentes com a 'evolução da história republicana', no Rio Grande do Sul, e do tempo de glória dos antepassados farroupilhas". ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 56.

*adormecido é avançar e não recuar, porque isto constitui um meio eficaz de cultura cívica.*¹⁶

Jacques, em seu livro *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, resgatava elementos dispersos do imaginário popular para reconstituir o modo de vida do povo rio-grandense¹⁷. O autor almejava ser útil “a minha verdadeira pátria, à província do Rio Grande do Sul”, fundamentando o seu estudo em leis sociológicas as quais permitiriam “prever de um modo relativo o futuro de nossa sociedade e por conseqüência marcharmos com passos mais seguros”. A descrição física seria indispensável, pois “o desenvolvimento e os costumes de um povo acham-se em inteira dependência do ambiente cósmico que o envolve”¹⁸. O Rio Grande do Sul era considerado como um paraíso terrestre, pois “tudo se cria robustamente: a atmosfera é pura e o clima agradabilíssimo, rivalizando com o do meio-dia da Europa; não há habitante dessas regiões que deixe de se dar perfeitamente aqui”¹⁹.

O autor prendeu-se à descrição etnográfica dos primeiros habitantes, que eram classificados segundo a lei de sociologia dinâmica: “Todas as teorias humanas, isto é, todos os trabalhos do nosso espírito passam por três estados, a saber: o teológico, o metafísico e o positivo (científico e definitivo)”. O estado teológico seria constituído por três estados elementares: o fetichismo, o politeísmo e o monoteísmo, sendo o fetichismo “o primeiro grau de toda a elaboração mental”²⁰. Cezimbra Jacques expunha elementos da concepção positivista comteana da história, recorrendo ao estabelecimento de leis (de ordem, de relação e evolução) ligadas a uma evolução da humanidade de estados inferiores para superiores²¹. Os jesuítas teriam conseguido

¹⁶ JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, 1912, p. 50-58.

¹⁷ JACQUES, João Cezimbra. *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul: precedido de uma ligeira descrição física e de uma noção histórica*. Porto Alegre: Tipografia de Gundlach & Comp., 1883.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 3-7.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 8-10.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 12.

²¹ REIS, José Carlos. A história metódica, dita positivista. *Pós-História*, Assis, UNESP, n. 3, p. 50, 1995.

catequizar muitos desses “selvagens fetichistas” que foram povoar as Missões, enquanto outros tapes e minuanos agregaram-se às estâncias, “obedecendo completamente a civilização”. Os tapes e minuanos que constituíram a população missioneira eram “selvagens dóceis e dotados de sentimentos, falavam a língua guarani” e estabeleceram uma confederação²². Os jesuítas chegaram ao Rio Grande do Sul trazendo índios “do tronco guarani já submetidos e catequizando grande número de tapes e minuanos e alguns charruas”, e com esses índios fundaram os Sete Povos das Missões. O autor ignorou a primeira fase missioneira, apresentando erros fatuais e cronológicos, como o relacionado às lutas pela posse da Colônia do Sacramento: somente após as disputas sanguinolentas pela Colônia é que o governo espanhol teria introduzido “aqui alguns jesuítas para catequizar os índios e formar com eles povoações”²³.

Para Cezimbra Jacques, foi devido ao “desleixo português” em tomar posse do Rio da Prata no século XVI, deixando “enraizar-se o mal”, que os espanhóis acabaram avançando em direção ao sul do Brasil. As Missões organizaram-se nesse vazio deixado pelas autoridades portuguesas e eram administradas como “uma espécie de forma de governo teocrático e debaixo de uma escravidão indireta dirigiam os jesuítas os seus índios, não só nestes povos como nas Missões do Paraguai e em outras na América meridional”. Habilmente, os padres conservavam em cada tribo submetida os seus caciques e chefes “e eram estes que debaixo de suas ordens, tomavam a direção dos demais índios”. A ausência ao trabalho de algum indivíduo gerava punição com jejum e prisão; os crimes eram punidos “com açoites e extermínio”²⁴. As Missões produziam algodão, erva-mate, açúcar mascavo, sebo, couros, que eram vendidos em Buenos Aires, arrecadando milhões de pesos espanhóis. Com a exploração da mão-de-obra indígena e o enriquecimento decorrente, os padres foram desviando-se dos objetivos iniciais de conversão espiritual:

²² JACQUES, *Ensaio...*, op. cit., p. 14-15.

²³ *Id.*, *ibid.*, p. 18-19.

²⁴ *Ib.*, *ibid.*, p. 19-20.

Dispondo assim os jesuítas de muitíssimas riquezas desviaram-se completamente do nobre fim a que tinham sido destinados pelo governo espanhol; não tiveram a necessária energia para evitar a sedução do bruto e inerte metal, o ouro, que leva o homem fraco a desprezar o valor da personalidade para cair no lodaçal da baixa e da degradação! Desde então, longe de continuarem na catequese dos índios e de civilizá-los, obrigavam a estes pobres selvagens, acostumados a uma vida livre, a trabalhos que não estavam de acordo com os seus hábitos; fazendo assim muitos deles tornarem a vida errante.²⁵

Jacques perseguia a tese de que “esses padres queriam fazer das Missões um estado independente”²⁶, devido à proibição das visitas de autoridades civis aos povoados missionários e pelo fato de que os jesuítas armaram um exército de índios com o objetivo de evitar a demarcação de limites segundo disposição do Tratado de Madri²⁷. Nesse Tratado, a resistência missionária foi observada com simpatia: “nos parece estar a razão da parte dos padres e dos índios pois que aquele tratado era não só injusto como cruel, porque obrigava estes a abandonarem suas casas e benfeitorias, que tanto lhes haviam custado”²⁸. Sepé Tiaraju foi um dos mais bravos chefes indígenas, entretanto as tropas demarcadoras bateram-se com índios “mal armados quase sem disciplina e dirigidos por caciques ignorantes”. Apesar de apoiar a indignação missionária em abandonar as terras, Jacques concluiu que, quanto aos jesuítas, as acusações que lhes eram lançadas

²⁵ Id., *ibid.*, p. 20-21.

²⁶ “Em pleno século XVII, em 1648, pela primeira vez surgiu a indicação de que os jesuítas da Província do Paraguai estariam organizando um estado independente. O Bispo Cárdenas, em luta contra o governo da Província, acusava a Companhia de Jesus perante as autoridades espanholas de Madri, já que no plano local os jesuítas estavam apoiando o Governador Hinestrosa. Além da acusação de possuírem minas de ouro (que o Governador Lariz de Buenos Aires, em visita oficial, não conseguiu nunca encontrar), agora surgia a acusação da independência das Missões”. KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 223.

²⁷ JACQUES, *Ensaíos...*, op. cit., p. 21. O exército guarani não foi criado como um braço armado dos jesuítas, constituindo-se num “exército indígena a serviço do monarca e de seus interesses”, desempenhando um papel “de envergadura no quadro das relações políticas tensas e conflitantes desta fronteira platina”. Cf. KERN, op. cit., p. 186.

²⁸ JACQUES, *Ensaíos...*, op. cit., p. 21.

estavam sempre bem-fundamentadas, apesar de a saída desses religiosos ter cooperado para a decadência dessas aldeias²⁹.

Na concepção do autor, a posse do Rio Grande do Sul deveu-se ao povoamento dos luso-brasileiros aliados com os minuanos. Os paulistas, dotados de gênio empreendedor, heroísmo e valor, asseguraram “à sua nação as partes do território usurpadas pelos espanhóis”. Os açorianos eram apontados como laboriosos e inimigos do despotismo. Quanto aos espanhóis, “além de outras qualidades dignas de apreço, é saliente entre eles o amor da pátria, a robustez e beleza física”. O cruzamento entre índios e brancos “tem sido palpável, a ponto de as gerações rio-grandenses que viveram até 1839 falarem indiferentemente a língua portuguesa ou a guarani”. Em síntese, a origem da população rio-grandense estaria nos lagunenses, paulistas, mineiros, açoritas, espanhóis, tapes, minuanos, botucaraís, guaanans e charruas³⁰.

João Cezimbra Jacques não propôs a brasilidade inata dos rio-grandenses ou a predisposição à nacionalidade que movimentava os personagens, mas destacou o “sentimento do patriotismo devido a uma natural sinergia” e apego à terra em que se vivia. A pátria teria um sentido regional, e o regional está associado à idéia de federação, de autonomia político-administrativa num enfoque contrário à monarquia e favorável à república³¹: “a centralização é necessariamente a morte dos povos; ela os aniquila como os parasitas aos outros vegetais”³². Os determinantes do caráter e da moral seriam a hereditariedade, alimentação e clima, somados com a posição geográfica que exigira um contínuo estado de guerra com os vizinhos platinos, fazendo com que o homem rio-grandense fosse “alto, robusto e bem-apegoado”. Jacques supervalorizava o tipo regional ao definir as peculiaridades e as diferenciações que tornaram o gaúcho diferente do restante do país: o gaúcho seria um ótimo

²⁹ Idem, p. 30. Frases antijesuíticas de Basílio da Gama no poema *Uruguai* são transcritas pelo autor.

³⁰ Id., *ibid.*, p. 47-50.

³¹ “A grande lei natural e sociológica: o passado influi constantemente sobre o presente, ou por outras palavras, cada vez mais os mortos governam os vivos; é assim que no espírito da mocidade atual, a ordem do dia é a República”. Id., *ibid.*, p. 129-130.

³² Id., *ibid.*, p. 36.

cavaleiro; de nobres sentimentos, agilidade e robustez física; amante da democracia, da liberdade, da ordem e do progresso; um sinônimo de perfeito cavalheiro³³. O trabalho nas estâncias seria um espaço "higiênico e poético", "perigoso e agradável", enfim "um riquíssimo santuário onde passam uma vida deliciosa o estancieiro e a família"³⁴.

A Revolução Farroupilha era enaltecida como luta contra o despotismo e a centralização do Império³⁵, e fazia parte de um passado que precisaria ser resgatado no presente enquanto uma lição cívica: sem desligar-se das "tradições que nos legaram os antepassados, de respeitá-las e de não nos afastarmos do caminho por eles indicado, depende a nossa felicidade"³⁶. O Rio Grande do Sul seria privilegiado pela geografia e a população era racial e culturalmente superior. O destaque às peculiaridades regionais e na lapidação grandiloqüente do ser gaúcho, para assegurar a ordem e o progresso, levava à necessidade de alterar a estrutura política e administrativa através da república. Apesar da narração anticlerical³⁷ e de não se referir à contribuição missioneira na formação rio-grandense, Jacques não relacionava a presença das Missões como antagônicas e inseridas na Coroa Espanhola, considerando-as como um estado

³³ Id., *ibid.*, p. 65-68. Posteriormente, referenda essa posição: "A cruz dos açorianos, paulistas, espanhóis, índios, especialmente – tapes, minuanos e charruas, constitui o gaúcho sul-rio-grandense, homem resistente na adversidade, alegre nos folguedos, dedicado e leal como amigo e terrível como inimigo, tanto nas discórdias pessoais, como na guerra a peito descoberto". JACQUES, *Assuntos do...*, op. cit., p. 22.

³⁴ JACQUES, *Ensaio...*, op. cit., p. 73.

³⁵ A natureza propicia o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, porém o progresso pode ser perturbado pela centralização, "uma das maiores questões de todo o rio-grandense sincero, deve ser o esforço para descentralizar esta bela terra (...) O que diz respeito a negócios internos convém que cada província tome a sua direção, criando o poder a que elas devem sujeitar-se e deixando, então, os assuntos externos, negócios mais gerais, como marinha e guerra, à direção do centro (...) Uma província centralizada é como um escravo que pouco interesse tem no trabalho, porque ele quase nada vê, sendo o seu senhor o que absorve os resultados". Id., *ibid.*, p. 134.

³⁶ Id., *ibid.*, p. 134.

³⁷ O autor relatou a visita, em 1911, de guaranis, "compatriotas silvícolas", a Porto Alegre. Abrandou a postura contrária aos jesuítas numa breve passagem em que se refere à "obra meritória e civilizadora dos jesuítas entre os índios", elogiando a pesquisa desenvolvida pelo historiador Carlos Teschauer. JACQUES, *Assuntos do...*, op. cit., p. 75.

independente que não correspondia à necessidade indígena de liberdade³⁸, que seria um direito natural. A ausência de fundamentação histórica demonstrava uma leitura apressada dos poucos autores citados como bibliografia: José Feliciano Pinheiro, Padre Gay, Robert Southey e Nicolau Dreys. A participação indígena e espanhola indicava a ausência de uma aversão a tudo que vem do Prata, como foi o caso da publicação de um vocabulário guarani e da aproximação entre o gaúcho platino e o rio-grandense³⁹. “Estando hoje suficientemente claros e fora de dúvidas os nossos limites com os simpáticos irmãos do Rio da Prata”, cabia de parte a parte esquecer ressentimentos passados, de cujos motivos “nem eles nem nós temos culpa, e aceitamos uma nova era de cultura, de amizade, isenta de prevenções, pois de tal cultura sincera temos a lucrar de parte a parte”⁴⁰. Conforme Flores, o autor “pretende convencer que somos uma super-raça, por influência mesológica. Não apresenta documentação, seus dados são baseados na experiência pessoal”⁴¹.

A historiografia republicana ressaltou a história regional em relação ao centralismo, buscando no discurso federalista-republicano enfatizar a luta local contra a opressão da monarquia bragantina. A defesa dos valores regionais, resgatados enquanto exemplo de moralidade e civismo para as novas gerações, conduz, como em João Cezimbra Jacques, ao resgate dos usos e costumes do *gaúcho* e uma aproximação cultural com o Prata que seria posteriormente condenada. A condenação ao centralismo e à opressão do colonialismo lusitano está associada à explicação da especificidade rio-grandense, a partir da interação entre raça, meio físico e

³⁸ Os índios lutavam por liberdade contra os escravistas bandeirantes. “O motivo principal das guerras que alimentavam contra espanhóis e portugueses ou com os destas origens era quase sempre a santa causa da liberdade pela qual todos têm mais ou menos lutado”. Id., *ibid.*, p. 108.

³⁹ “E dessa aproximação dos índios Charruas e dos Minuanos e em seguida dos Tapes das Missões com o elemento branco das estâncias, resultou o tipo desse homem extraordinário que se chama – Gaúcho, a princípio nômade, em seguida semi-nômade, vivendo de estância em estância, aqui e no Rio da Prata, e hoje sedentário, oscilando e vacilando entre a vida pastoril natural e a indústria moderna”. Id., *ibid.*, p. 129.

⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 194.

⁴¹ FLORES, *Historiografia...*, op. cit., p. 28.

momento histórico, determinantes das ações individuais e do caráter da população. Afinal, acentuar as diferenciações entre o Rio Grande do Sul e o restante do Brasil é procedimento freqüente na historiografia no período da República Velha.